

A ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA E A ANCORAGEM DA PROFISSÃO DE BIBLIOTECÁRIO

THE SCHOOL OF LIBRARY SCIENCE AND THE ANCHORING OF THE PROFESSION OF LIBRARIAN

Francisco das Chagas de Souza¹

Introdução

Desde o momento em que John Dewey fez o esforço de criação do primeiro curso de biblioteconomia, em 1887, concebendo-o como a ser realizado dentro de uma instituição de ensino superiorⁱ, pode-se afirmar a ocorrência e determinação de uma idéia fundadora, isto é, a idéia de que sem a escola, sem o *status* que a escola oferece como respaldo social e político para um grupo profissional, fica ainda mais distante o conquista de prestígio econômico.

Aí está o gesto! Aí está o ato! A ação que fala por milhares de páginas de discurso literal: sem a Escola de Biblioteconomia, praticamente inexistente a profissão. Mais tarde, uma vez estabelecida a Escola de biblioteconomia, o esforço seguinte foi no sentido de torná-la mais forte reforçando-a com meios para fazer valer sua presença no mundo da Academia, como legítima arena da formulação e transmissão do conhecimento científico na área e como liderança na concepção de novas idéias e soluções sistematizadas a partir da investigação do mundo da prática, isto é, da “empíria” bibliotecária. Por essa época, início do século XX, surgem os Doutoramentos em Biblioteconomia como operação acadêmica, mas também política de afirmação da cientificidade da atuação bibliotecária nos Estados Unidos e, no mundoⁱⁱ.

Quando a "biblioteconomia moderna", que é esta estruturada por Dewey nos Estados Unidos, justamente pelo pragmatismo mas tentando vencer o estrito racionalismo técnico, acompanhada pela Educação bibliotecária norte-americana chegam ao Brasil no final dos anos 20 e anos 30, sob a liderança de Rubens Borba de Moraes, e abençoadas pelo escritor e agitador cultural Mário de Andradeⁱⁱⁱ, faz-se presente neste país a ação da escola de Biblioteconomia como uma espécie de farol. A primeira escola, então criada na Prefeitura municipal de São Paulo, serviu de âncora para o surgimento da APB - *Associação Paulista de Bibliotecários*, que depois desenvolveu a idéia da criação da FEBAB – *Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários*, que liderou a criação e sanção da Lei do Bibliotecário e por esta, pela presença, assegurou e ainda permanece forte a representação das Escolas na Diretoria do *Conselho Federal de Biblioteconomia*, o fiscal o exercício profissional e do cumprimento da Lei 4.084/62^{iv}. Em todos os momentos de relevância para a profissão bibliotecária no Brasil e, praticamente, em todas as novas Associações Bibliotecárias ou nos periódicos brasileiros de Biblioteconomia houve a presença de pessoal docente das Escolas nas comissões, nas diretorias, em assessorias, etc.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Professor do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina. chagas@ced.ufsc.br; souza@amja.org.br; <http://www.ced.ufsc.br/bibliote/dep/fcscv.htm>

Isso afirma mais que qualquer coisa o peso do que os fatos dizem: a existência da categoria bibliotecária, nos Estados Unidos, no Brasil e no mundo dependem da força da Escola de Biblioteconomia. O fato de que isso se dê desse modo, de outro lado, não deve produzir a sensação de que a escola pode se tornar um polo de desequilíbrio. Ao contrário, a escola deve continuar a ter e a desempenhar o papel de âncora para a categoria profissional, sem descuidar, contudo, da idéia de que existe um sistema profissional, como um fenômeno social, que funciona como base estrutural da categoria profissional bibliotecária e que este sistema não é estático^v. Em outros termos, isso quer dizer, e aí está a teoria de Freidson concebida como uma Sociologia das Profissões, que uma categoria profissional é composta de: a) pessoal profissional vocacionado para a execução das atividades finalísticas na relação direta com o usuário do serviço que a categoria se propõe a oferecer para a sociedade; b) pessoal que exerce, complementarmente ou cumulativamente, a ação política de ativação da categoria profissional, dinamizando os movimentos associativos, e c) pessoal de ensino e pesquisa, necessário para o crescimento do número de membros da categoria profissional e para a formulação de conhecimento novo, produção de literatura, organização de periódicos, etc. Esta visão de sistema, em que cada subgrupo se articula com o outro, e está nisso a dinamicidade, faz com que todos os profissionais sejam importantes em seus papéis mais específicos, até porque todos esses profissionais são os materializadores da profissão, tendo como função básica a mesma missão de fazê-la viva e em crescimento.

De outro lado, isso não exclui que se diga que o pessoal de ensino e pesquisa tem uma missão especial e mais delicada que é a de indicar ou sugerir rumos. Levantar questões para a discussão de todos os demais membros da categoria. Contribuir para que as decisões sejam claras e em benefício de todos os participantes do grupo. Aí está colocada então a responsabilidade maior da escola: ser crítica. Nisto ela terá como orientação o que afirma Kevin McGarry, quando fala dos estudos profissionais em biblioteconomia: olhar o contexto da Biblioteconomia é condição para explicá-la. Ela não é explicável por si só, na medida em que sendo conteúdo para uma profissão é sustentação de um papel social. É objetivação de resposta para uma necessidade social, segundo Berger e Luckmann. Em suas próprias palavras, McGarry, afirma:

Se tem de haver um esquema unificante para os nossos estudos profissionais, ele há de estar **fora**, e não **dentro** da biblioteca. Este contexto onde existe a biblioteca muda rapidamente [...] Daí que, se educarmos os nossos estudantes a pensar estrita e exclusivamente em termos de operações de biblioteca, isolaremos os futuros bibliotecários [...] do contexto mais amplo de mudança [...].

Nisto, neste modo de enxergar a realidade, McGarry se aproxima de Wittgenstein, que diz na obra *Investigações Filosóficas*, que "Uma exposição de conjunto transmite a compreensão, que consiste exatamente em **ver conexões**". É vendo as conexões nos fenômenos, nos papéis sociais, nos corpos e contextos das instituições que se lhes compreende. Ora, enxergar as conexões de uma profissão, explicar uma profissão pelo seu contexto e com isso fazer ciência e análise social é uma das missões que a teoria formulada por Freidson atribui ao corpo docente. Novamente aí, está o papel de âncora da Escola e em nosso caso da Escola de Biblioteconomia.

Considerando estas idéias iniciais, este artigo objetiva fazer uma breve reflexão sobre a temática e sobre a configuração da escola de biblioteconomia brasileira quando vista do ângulo, que lhe cabe, de âncora da profissão bibliotecária no país.

Escola de Biblioteconomia em alguns países e sua função de âncora da profissão

Se tomarmos a discussão que vem se desenvolvendo nos anos 90 do século XX em parte do mundo ocidental capitalista, globalizado, dá para perceber que boa parte dela, quando aborda os rumos da profissão, é realizada por pessoal de ensino e pesquisa^{vi}.

Na França, as edições do Bulletin des Bibliothèques de France – BBF, nº 6, de 1995, sobre *Metiers et Formations* (<http://www.enssib.fr/bbf/>) e nº 2 de 1998 sobre *Refonder la Bibliothéconomie* (<http://www.enssib.fr/bbf/>), nas quais é analisado em profundidade a temática relacionada ao futuro da profissão, predomina a contribuição de docentes / pesquisadores-docentes. Do mesmo modo pode-se encontrar em periódicos nos Estados Unidos, na Espanha, na Dinamarca, Canadá, dentre outros, assim como nos Congressos da IFLA^{vii}.

Há, de outro lado, entremeando essa discussão uma divisão que aparece bem clara para europeu e norte-americanos. Trata-se da nítida distinção – que se polariza pela peculiaridade da natureza dos conteúdos profissionais – dos papéis de Bibliotecário e de Documentalista. E tal distinção decorrente destas peculiaridades se traduzem de fato, concretamente, em associações profissionais que se distinguem em suas missões a partir das matrizes representadas pela IFLA, com seus valores principais^{viii} e pela FID, com suas metas claras e específicas^{ix}.

Ao longo dessa discussão, é esperado obter-se e efetivamente encontra-se trabalhos significativos como o de Bertrand Calenge (BBF, n. 2, 1998). Nele o autor realiza um estudo em profundidade em que visa destacar a singularidade da Biblioteconomia e seus eixos de operação – ao compará-la com a Medicina – e uma das afirmações que busca demonstrar é que “a estrutura da Biblioteconomia não é a mesma da Documentação”.

Desse trabalho de Bertrand Calenge dá para deduzir, por exemplo, certos esforços que a Escola precisa ter claro que deve fazer a fim de não perder a capacidade de ancorar a categoria profissional. Por exemplo, ter firmeza em sua ação crítica de modo a não deixar-se envolver numa discussão imediatista e assistemática que destruiria a profissão, decorrente de uma renegação de fatores identitários da categoria bibliotecária. Em sua argumentação, a fim de situar a trajetória da profissão de bibliotecário, o autor faz um paralelo entre o que se observa na fundamentação da ação profissional desta área com o que ocorreu na trajetória da profissão médica em termos de embasamento científico-cognitivo resultante da apropriação de fatores e saberes produzidos no contexto daquela profissão. Resultam dessa comparação alguns conceitos que adquirem importância por indicar eixos comuns de ação nas duas profissões especialmente porque ambas têm complexidades internas a serem consideradas. Como que buscando um rumo para situar o fulcro da discussão e orientar um rumo para as pesquisas em Biblioteconomia o autor pergunta (p. 19): “o que fazer?”. Isso, enquanto práxis da escola de Biblioteconomia, coloca para o pessoal de ensino e pesquisa uma grande carga de responsabilidade social. Neste caso, segundo Bertrand Calenge, ocorre na França, no momento de sua análise, que “A pesquisa está balbuciante” e, portanto, precisando ser fortalecida. Os rumos que sugere para um programa de pesquisa em Biblioteconomia, considerando o contexto então ali existente, vão em quatro direções que poderiam produzir modelos e meios operatórios dentro de um contexto biblioteconômico. Essas direções são:

- 1 - Organizar equipes de pesquisa-ação, associando pesquisadores e profissionais executores da prática profissional (como o INSERM tem feito a partir de 1985 [...] em medicina) orientadas para definir eficazmente – no sentido biblioteconômico – as disfunções do acesso ao saber (que é o iletrismo no contexto de uma biblioteca? Que é uma coleção desequilibrada? Como analisar uma política cultural no nível de uma biblioteca, etc) e para fornecer modelos de “terapêutica biblioteconômica” (que é um OPAC eficaz? Que significa o conceito de qualidade aplicado a uma biblioteca? etc.);

2 - Confrontar os instrumentos produzidos até então (indicadores, estatísticas, sistemas de empréstimo, fórmulas de avaliação da coleção, etc.) com os modelos anteriormente definidos, guiando a análise crítica, e, por que não, propondo instrumentos mais novos e aperfeiçoados;

3 - Retomar certos trabalhos, artigos, testemunhos públicos, ensaiando de lhes "reconstruir" com um olhar biblioteconômico, para deles extrair lições, ver pistas para os modelos em três níveis: do exame, do diagnóstico e da ação.

4 - Escrever, escrever, ainda escrever, não para testemunhar ou para prestar contas, mas sempre para tentar propor uma reflexão que permita ao leitor obter argumentos operatórios.

Em toda a explanação de Bertrand Calenge está presente a Biblioteconomia. Isso também se dá nos artigos que se lhe seguem de como em Frédéric Saby; José A. Gomez Hernandez e Maurice B. Line.

Denominação da formação profissional: paralelo entre Biblioteconomia, Medicina, Direito e Engenharia

Uma das discussões hoje presente nas escolas de Biblioteconomia ou a ela imposta diz respeito à denominação da formação profissional, isto é, qual deve ser o nome do Curso de Bacharelado^x. Nisto, se pretende discutir o fator identitário. Porém, um forte componente que ingressa na discussão desvia o sentido identitário justamente quando remete para as denominações que particularizam, especializam e reduzem a amplitude do nome Biblioteconomia.

Aceitando que o termo biblioteconomia é uma composição cuja origem etimológica vem de *Biblio* (= livro ou informação) + *thèque* (= caixa, estante ou ambiente da informação) + *nomos* (= regras, princípios de organização), tem-se que Biblioteconomia é um termo de grande abrangência. Requer que o conhecimento do bibliotecário alcance desde o processo de construção da informação, o que envolve o conhecimento de Filosofia e de Teoria de Conhecimento, por exemplo, passe pelo conhecimento da arquitetura da informação, da arquitetura dos suportes, meios e canais por onde flui a informação, pela engenharia da informação e chegue até aos domínios dos processos de gestão da informação, do seu uso, do seu custo, dos seus resultados sociais e econômicos, dos seu utilizadores, das suas condições de disseminação no espaço político e social onde ocorre e para onde vai, dentre outros aspectos. Assim, uma Escola de Biblioteconomia, que formasse um bibliotecário completo o formaria para ser mais que um gerente, um disseminador, etc. Todas as designações que aí estão como as listadas em Bertholino; Curty; Terra^{xi} não têm grande sentido ou são redutoras, pois se associam a um processo técnico, a um procedimento tecnológico, enfim, fenômenos que são, por natureza, mutantes por conta da dinâmica da sociedade e do conhecimento que produz e aplica.

De outro lado, reconhecer que a expansão das atividades requer aplicações específicas que têm nomes específicos não pode deixar de ser feita. Mas tomar essas atividades como geradoras de profissões que obscurecem, ou anulam, ou extinguem a formação em biblioteconomia e a atuação do egresso do curso de graduação como bibliotecário parece que contribui para destruir com a possibilidade de consolidar perante a sociedade a tradição necessária de um papel sócio-profissional em construção permanente, como este.

Se observar-se, por exemplo, Medicina, Direito e Engenharia, como fonte de denominações de formação e prática profissional (Médico, Advogado e Engenheiro) elas têm muito mais séculos de existência que a Biblioteconomia. Portanto, sofrem há muito mais

tempo os efeitos das mudanças de tecnologia, de normas sociais, de aceitação da clientela e, mesmo assim, mantém seus cursos com suas denominações históricas e, por isso mesmo, adquiriram a antiguidade suficiente para se fazerem conhecidas social e economicamente, valorizadas política e culturalmente e serem epistemologicamente mais bem definidas. O que vem ocorrendo com elas é que todas as mudanças, ao exigirem novas abordagens operacionais ou metodológicas, levam à criação de subáreas especializadas, cujas denominações a elas se agregam compondo sua denominação e explicitadas como habilitações técnico-profissionais. No caso da Medicina, doenças ou técnicas específicas uma vez descobertas definiram novas especializações ou novos nichos de atuação como as Medicina Nuclear, Medicina Ortomolecular, Medicina Oftalmológica; etc. No Direito, hoje surge o Direito Ambiental, Direito Alternativo, etc. que envolve ampliação do leque de especialidades pela descoberta de novas formas de realizar a prática social ou de a sociedade se relacionar com a natureza mais primitiva. Na Engenharia, desde o ramo original Civil, foram criados vários sub-ramos onde se inserem Engenharia de Produção, Engenharia de Materiais, Engenharia Nuclear, Engenharia Mecatrônica, etc.

Nessas áreas, não foi por desconhecimento das mudanças do meio que seus membros deixaram de adotar novas denominações para a formação profissional. Foi exatamente o contrário, o reconhecimento de que o sistema profissional deve ser aberto e, portanto, capaz de acompanhar as mudanças, incorporá-las, dominá-las e fortalecer-se com a diversidade.

É essa perspectiva que parece estar saindo do âmbito crítico do pessoal de ensino e pesquisa da Biblioteconomia. Por que não pode a Biblioteconomia manter a denominação da formação profissional? Por que a Escola de Biblioteconomia não pode, a depender da vocação tecnológica da sociedade onde está inserida, associar várias subdenominações ao nome principal e ter em seus cursos de Graduação designações que signifiquem habilitações? Por que não poderiam haver cursos cuja terminalidade tivesse nomes como: Biblioteconomia Gerencial (para formar bibliotecários gestores de unidades de informação, de qualquer porte e natureza); Biblioteconomia Social (para formar bibliotecários vocacionados para o trabalho em dinamização pedagógica de bibliotecas escolares e públicas); Biblioteconomia Eletrônica (para formar bibliotecários aptos a trabalhar com a construção e manutenção de bibliotecas digitais, eletrônicas e virtuais); Biblioteconomia Acadêmica (para formar bibliotecários aptos a trabalhar com o atendimento e orientação da pesquisa acadêmica e universitária); Biblioteconomia Histórica e da Sociedade (para formar bibliotecários vocacionados para o trabalho com os pesquisadores atuantes em instituições de pesquisa históricos, sociológica e de Letras e Artes); Biblioteconomia Técnica (para formar bibliotecários aptos ao processamento técnico dos materiais, meios, canais ou suportes que contém informação); Biblioteconomia Industrial (para formar bibliotecários aptos a trabalhar com a informação e a pesquisa no setor de indústria); Biblioteconomia em Saúde (para formar bibliotecários atuantes com a informação e a pesquisa nos diversos setores que operam com a área da saúde), etc.

Nessa concepção, a Biblioteconomia e o Bibliotecário tenderiam: 1 – à permanência mais longa, pois romperiam com a visão que reduz a possibilidade da construção de uma tradição identitária a qual leva a ampliar o reconhecimento social e econômico; 2 – a reforçar a idéia de Marc-Alain Ouaknin que explica a Biblioteconomia como fluxo, ou seja, igual ao conceito de conteúdo; 3 – a reforçar a idéia de que a Biblioteconomia se explica não apenas pelo radical “Biblio” mas muito fortemente pelo sufixo “nomos”; 4 – a reforçar a idéia de que Biblioteca não é um prédio, mas um conjunto de relações, dada a partir do “nomos”; 5 – a reforçar a idéia descoberta por Ranganathan^{xii} de que a Biblioteca é um organismo em crescimento; ora se esse organismo se expressa pela regulação de relações ou conexões dos saberes teórico-práticos, a Biblioteconomia que é o campo de conhecimento teórico que sistematiza e explica essas relações ou conexões logo é, também, um organismo em

crescimento ou um processo em evolução e um dos sintomas é o desdobramento do seu conteúdo e de suas práticas que se abrem em denominações específicas, etc.

Assim, formar novos bibliotecários a partir de uma Biblioteconomia que leva em conta a experiência histórica de áreas de formação de profissões milenares – que a despeito das mudanças em seus contextos de existência, permanecem com suas denominações – pode ser uma experiência muito inovadora. Mais inovadora do que despedaçar um papel sócio-profissional que desde há algum tempo se vem construindo. De outro lado, seria muita irresponsabilidade alimentar condições que possam destruí-lo no espaço de uma única geração que não soube praticar a crítica em sua vertente de análise social.

Escola de Biblioteconomia no Brasil e sua função de âncora da profissão

Como afirmado acima, também no Brasil, a Escola de Biblioteconomia tem tido a função de âncora. Contudo, esta função tem sido exercida de modo muito precário no que tange a política de formação e designação profissional.

Por falta de uma visão clara que articule à profissão os múltiplos papéis que o bibliotecário pode exercer na sociedade, o discurso da Escola visa formar um bibliotecário, na maioria das vezes, para uma biblioteca universal abstrata. Isso faz com que, tanto o aluno quanto o egresso fiquem perdidos em relação a que discurso identitário defender e com qual imagem se apresentar. Aí, vai prevalecer a linguagem de senso comum mais universalista do momento e esta hoje é a da sociedade do conhecimento ou da informação e que, no ambiente de atuação mais próximo do bibliotecário, passa a ser manipulada a partir do ideário da FID. Como senso comum, seu generalismo não contribuiu por si só para dar identidade ao profissional que sai da Escola de Biblioteconomia. De onde vem isso? Em parte, a responsabilidade é da Escola que não está exercendo a função crítica de ver separadamente as coisas que são separadas. Não precisa negá-las precisa, sim, colocá-las nas devidas dimensões e isto não vem sendo feito. Quer isto dizer o que? Que no Brasil misturaram-se os conteúdos de Biblioteconomia e os conteúdos da antiga Documentação, hoje Ciência da informação em um mesmo curso. Fez-se aqui o que a maioria dos países desenvolvidos economicamente evitaram, isto é, aqui no Brasil o bibliotecário vinha sendo formado desde o início dos anos 60 com conteúdos de Biblioteconomia e de Documentação^{xiii}. Daí como ter identidade profissional? Como ter discurso coerente? Como defender o que é específico, se no conteúdo que o egresso da Escola de Biblioteconomia recebeu e na forma como recebeu não se fez essa apreciação crítica e de demonstração das diferenças?

Por misturar um discurso que contém a missão internacional da IFLA – voltada para a cidadania e a biblioteca – com outro que contém a missão internacional da FID – voltada para a Documentação, a Ciência da Informação e a Gestão da Informação de interesse mais científico e técnico – que a Escola de Biblioteconomia brasileira também perdeu a identidade do discurso da Biblioteconomia e, com isso, tornou-se incapaz de ser uma âncora eficaz. Ela ancora como instituição, mas será que ancora como universo acadêmico? Como espaço de legitimação científica e teórica da categoria profissional?

Distanciamento da construção de um patrimônio bibliotecário brasileiro

Há, por certo, um pensamento positivo em torno da edificação de um patrimônio bibliotecário brasileiro, isto é, de um conjunto de instituições nacionais que, para além da abstração teórica de um sistema, seja a soma de uma prática bibliotecária nacional, sustentada em bases concretas, estabelecidas como bibliotecas, escolas, associações profissionais,

legislação e procedimentos operacionais, literatura, congressos e outros eventos, dentre outros fatores. No entanto, parece que do pensamento a uma efetiva construção desse patrimônio há uma distância intermediada por uma cultura ainda predominantemente oralista; pelo pouco investimento financeiro em políticas institucionalizadoras da leitura, da produção e do armazenamento da informação para a cidadania; pela ainda predominante pouca receptividade do trabalho de organização da informação para o cidadão; pela relativamente forte desarticulação entre associações profissionais, escolas, centros acadêmicos e associações de pós-graduandos em biblioteconomia, etc.

Para todos esses fatos pode-se buscar testemunho na realidade concreta da Biblioteconomia brasileira. Contudo, tais fatos interligam-se com o que fazer da Escola de biblioteconomia, que ainda é pouco pesquisadora. Como exemplo, é possível observar a exiguidade do número de periódicos científicos ou mesmo técnico-profissionais dirigidos ou editados nas escolas e nas associações da categoria bibliotecária. Então, a função de ancoragem da escola e, portanto, do pessoal de ensino e pesquisa da biblioteconomia no Brasil tem qual alcance? Onde está e onde se formula a visão de um patrimônio bibliotecário nacional a ser ampliado? Onde está e como se desenvolve a postura voltada à produção de uma filosofia e uma teoria nacional que dê conta de sistematizar um conhecimento sobre as práticas bibliotecárias que ocorrem no país?

Parece, então, que há uma convergência entre pobreza institucional bibliotecária, iletrismo de boa parte da população, despreço pela pesquisa e pela ampliação do conhecimento, não reconhecimento social do valor da informação e a atuação da Escola de Biblioteconomia brasileira. Se tal encontro de fatores com potencial negativo for um fato, o que esperar da função de ancoragem da Escola de Biblioteconomia brasileira para a profissão? Será que os desafios a serem enfrentados são menos intelectuais e cognitivos e estão mais dirigidos para fins instrumentais pragmáticos e imediatos como constituir bons laboratórios informáticos, treinar pessoal para o uso de computadores e redes de comunicação de dados, instruir no uso dos novos protocolos de descrição da informação, dentre outras novidades trazidas pela tecnologia do presente?

Assim, se esta é a escola que majoritariamente se encontra no país, que desde a grade curricular até os conteúdos formais permanece como importadora de conhecimento, de valores, de instruções que vêm de fora ela, de fato, ainda é uma escola que continua confirmando e dando força ao que disse Mário de Andrade nos anos 30^{xiv}, ou seja, ainda é uma Escola de Biblioteconomia que reproduz um saber estranho ao meio e que permanece deixando para o futuro a construção de uma biblioteconomia brasileira. Nestas condições, sua liderança que não será afirmada pela ação científica, se daria pela diferença, de face histórica classista brasileira, entre uma falsa “atividade intelectual”, pois se realizaria na universidade, em contraste com uma “atividade técnica” que se daria na atuação direta, finalística, técnica e gerencial, dos bibliotecários (os não professores) junto à sociedade. Então, sua liderança não se daria pela produção de saber teórico, interpretando e explicando a prática direta, mas decorreria tão simplesmente da diferença institucional, resultante do fato de que alguns profissionais bibliotecários estariam atuando na instituição onde se faria ensino e pesquisa e outros estariam atuando nas instituições que necessitam da ação final técnica, de ação cultural-informativa, etc.

Ora, essa não tão simples distância dada pelo *locus laborens* já é em si o principal fator que dificulta a construção forte de um patrimônio bibliotecário brasileiro, pois é facilmente permissível a muito mais queixas e mal-estares do que a um pleno processo cooperativo dentro da própria categoria profissional.

Para sair do círculo vicioso

Em tudo isso, dá para perceber que desde 1937, portanto há 64 anos, há algo que se repete: a escola fica ao sabor das modas temáticas e das direções em que sopram os ventos norte-americanos. É culpa sua? Olhando para a sociedade como um todo, não. O Brasil é um país dominado econômica, política, cultural, científica e militarmente. É em face disso, só nos últimos 30 a 40 anos o ensino universitário brasileiro deixou de ser, ao menos em parte das instituições públicas, um escolão de terceiro grau. E, por aí, surgiu na biblioteconomia alguma possibilidade de criar conhecimento, amadurecê-lo e implantá-lo em nosso sistema bibliotecário. No entanto, ao mesmo tempo, e especialmente na última década, houve uma grande migração temática dos programas de pós-graduação em biblioteconomia, dentro da perspectiva de uma área mais geral e com maiores conexões com a cidadania a serem interpretadas e explicadas cientificamente, para a Ciência da Informação, campo que, mesmo complexo, é mais específico e estreito, alcançando questões novas porém mais próximas dos segmentos de produção tecnológica industrial do que da totalidade dos segmentos que compõem todas as facetas da existência humana e social.

Nesse sentido, é que parece necessário, retomando a perspectiva do resgate das conexões colocada nos discursos filosóficos de McGarry; Ouaknin; Wittgenstein, que as Escolas de Biblioteconomia brasileiras trabalhem os conteúdos históricos, filosóficos e psicológicos, como Butler invocava como necessário para formar o bibliotecário norte-americano no início do século passado. Mas os trabalhem em que sentido? Talvez não no sentido de dar aos alunos disciplinas históricas, filosóficas e psicológicas apenas, mas tratar de pesquisar e teorizar como se processam as relações de trabalho, de uso, de custo, de produção do texto e da leitura e das instituições e, nessas, das pessoas que trabalham com a informação e que por ela e com ela existem.

E com esta visão, que se afirma como projeto de produção da consciência crítica e histórica da profissão, se poderá dar passos para qualificar o processo de existência do sistema profissional bibliotecário. Nisso, se constrói ou se recupera a função da escola como âncora da categoria dos profissionais bibliotecários. Nisso, se afirma ou se constrói um processo de identidade e imagem profissional contextualizada no espaço e tempo brasileiro que por todo o século XX se buscou. Esse caminho, para sair do círculo vicioso, coloca a Escola de Biblioteconomia como um organismo vivo, em crescimento e mutação, capaz de reafirmar a compreensão que Ranganathan tinha da biblioteca. Pois se a biblioteca depende do pensar e do agir da/o bibliotecária/o, a/o qual depende da forja da escola bibliotecária, então o fundamento que dá a noção e a conduta daquele organismo em crescimento está na escola de biblioteconomia que interpreta e explica o seu contexto, e ancora a sua atuação, e não em outro lugar.

BIBLIOGRAFIA

ABADAL, E., MIRALPEIX, C. La enseñanza de la Biblioteconomia y la Documentación en la universidad española a finales de los noventa. *BID – textos universitaris de biblioteconomia i documentació*, n. 2, març 1999. Disponível em: <<http://www.ub.es/biblio/bid/bid2.htm>>

ANDRADE, M. de. Biblioteconomia. In: FONSECA, E. N. da. *Introdução à biblioteconomia*. São Paulo: Pioneira, 1992. p. 128-129.

ARRUDA, M. C. C., MARTELETO, R. M., SOUZA, D. B. de. Educação, trabalho e o delineamento de novos perfis profissionais: o bibliotecário em questão. *Ciência da Informação*, v. 29, n. 3, p. 14-24, set./dez. 2000.

ASHEIM, L. Escuelas de bibliotecología en los Estados Unidos. In: KRAMER, G. (Comp.). *Notas bibliotecológicas*. México, DF: Pax-México, 1972. p. 166-172.

BERGER, P. I., LUCKMANN, Th. *A construção social da realidade; tratado de sociologia do conhecimento*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERTHOLINO, M. L. F., CURTY, M. G., TERRA, M. C. Os profissionais da informação, suas atribuições e seus títulos: o que faremos e como seremos chamados no futuro? In: RAMOS, M. E. M. *Tecnologia e novas formas de gestão em bibliotecas universitárias*. Ponta Grossa, PR: UEPG, 1999. p. 211-223.

BUTLER, P. *Introducción a la biblioteconomía*. México, DF; Pax-México, 1971.

CALENGE, B. A quoi former les bibliothécaires, et comment? *B. Bibliothèques de France*, v. 40, n. 6, p. 39-48, 1995.

CAMPOS, M. L. As cinco leis da biblioteconomia e o exercício profissional. *BITI – Biblioteconomia, informação e Tecnologia da Informação*. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bit/>>. Acessado em: 10.06.01

CASTRO, C. A. *História da biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica*. Brasília: Thesaurus, 2000.

COSTA, M. F. O., ANDRADE, I. B. B. Reflexões curriculares do ensino de biblioteconomia no Ceará. *Informação & Sociedade: estudos*. v. 9, n. 2, 1999.

DIAS, A. C. *O ensino de biblioteconomia no Brasil*. Rio de Janeiro: IPASE - Serviço de Publicidade, 1955.

FREIDSON, E. *Renascimento do profissionalismo; teoria, profecia e política*. São Paulo: Ed. USP, 1998.

GOMEZ H, José A. Un espace pour la bibliothéconomie dans les sciences de la documentation. *B. Bibliothèques de France*, v. 40, n. 2, p. 61-66, 1998.

GOODSON, I. V. *Currículo: teoria e história*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HABERMAS, J. *Teoria de la acción comunicativa*. Madrid: Tauros, 1999. 2 v.

LIMA, R. M. de. *A construção social da biblioteconomia brasileira: a dimensão político-pedagógica do fazer bibliotecário*. Manaus: Ed. Universidade do Amazonas, 1999.

LINE, M. Le métier de bibliothécaire: un ensemble de pratiques confuses et discontinues. *B. Bibliothèques de France*, v. 40, n. 2, p. 44-48, 1998.

McGARRY, K. J. *Da documentação à informação: um contexto em evolução*. Lisboa: Presença, 1984.

MORALES CAMPOS, E. L'Amérique latine et les Caraïbes. In: UNESCO. *Rapport mondial sur l'Information – 1997/98*. Paris: UNESCO, 1997. p. 117-133.

OUAKNIN, M-A. *Biblioterapia*. São Paulo: Loyola, 1996.

PRADO, J. L. A. *Brecha na comunicação: Habermas, o Outro, Lacan*. São Paulo: Hacker Ed. : CESPUC, 1996.

RUSSO, L. G. M. Entrevista concedida. *R. Bras. Bibliotecon. Doc.*, v. 17, n. 1/2, p. 93-97, jan./jul. 1984.

SABY, F. Faut-il refonder la bibliothéconomie? *B. Bibliothèques de France*, v. 40, n. 2, 1998.

SOUZA, Francisco das Chagas de. *Biblioteconomia no Brasil: profissão e educação*. Florianópolis: ACB; UFSC-BU, 1997.

_____. A construção escolar do bibliotecário brasileiro: ontem, hoje e amanhã. *Ciência da Informação*, v. 20, n. 2, p. 181-190, jul./dez. 1991.

_____. Educação Superior, sociedade e formação de bibliotecários. In: SEMINÁRIO "BIBLIOTECA: EDUCAÇÃO E SOCIEDADE NO NOVO MILÊNIO, Ijuí, RS, 1999. *Anais...* Ijuí, RS, Ed.UNIJUI, 2000. p. 46-77.

_____. *O ensino de biblioteconomia no contexto brasileiro*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1990. 116 p.

_____. O ensino de biblioteconomia no Brasil no discurso do bibliotecário participante nos CBBDs entre 1954 e 1982: apontamentos disciplinares para a construção do currículo do curso de biblioteconomia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., Porto Alegre, 2000. *Anais...* Porto Alegre: ARB, 2000. Meio eletrônico. Disponível em: <<http://embauba.ibict.br/cbbd2000/>>. Acessado em: 15.03.01.

SOUZA, Francisco das Chagas de. *Modernização e biblioteconomia nova no Brasil*. Piracicaba: UNIMEP, 1994. Tese (Doutorado em Educação).

_____. O sistema profissional bibliotecário brasileiro: sua capacidade de responder às mudanças do ambiente político e econômico no início do século XXI; uma abordagem sob a perspectiva da ação comunicativa. *Encontros Bibli: revista de biblioteconomia e ciência da informação da UFSC*, Florianópolis, n. 10, out. 2000. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/bibliote/encontro/bibli10/francisco.htm>>

VALENTIM, M. P. (org.). *Profissionais da informação; formação, perfil e atuação profissional*. São Paulo: Polis, 2000.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

YOUNG, M. F. D. *O currículo do futuro; da “ nova sociologia da educação” a uma teoria crítica do aprendizado*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

ⁱ Lester Asheim diz: "Em 1887, Melvil Dewey estabeleceu a primeira escola de biblioteconomia na Universidade de Columbia. Deliberadamente a ligou com uma instituição de educação superior e tratou de romper com o esquema de "treinamento" que havia prevalecido na formação dos bibliotecários e com os planos de estudo que continham exclusivamente matérias técnicas" p. 171 (traduzi do espanhol).

ⁱⁱ O primeiro Programa de Doutorado foi criado em Chicago e uma das primeiras obras desse novo momento foi *An introduction to Library Science*, de Pierce Butler, publicado em 1933, que propõe uma base de formação para a profissão centrado no conhecimento de História, Sociologia, Psicologia. Sobre este livro, em seu prólogo, Lester Asheim diz: "... constitui a primeira exposição ampla de uma maneira de enfocar a carreira de bibliotecário que, por esta época, começava a inserir-se no programa de estudos e pesquisas da nova Escola Superior de Bibliotecários, em Chicago". p. 7.

ⁱⁱⁱ Mário de Andrade, ao fazer a louvação da Biblioteconomia, que é esta de feição moderna, diz: "...a biblioteconomia é, dentre as artes aplicadas, uma das mais afirmativas (...) Ela torna perfeitamente acháveis os livros (...) torna a verdade utilizável ..." p. 129

^{iv} Veja-se a entrevista de Laura Garcia Moreno Russo, sobre esses acontecimentos.

^v Veja o artigo "O Sistema Profissional Bibliotecário Brasileiro: sua capacidade de responder às mudanças do ambiente político e econômico no início do século XXI; uma abordagem sob a perspectiva da ação comunicativa", de Francisco C. de Souza.

^{vi} Veja-se, por exemplo, a revisão de literatura apresentada por Arruda, Marteleto e Souza.

^{vii} Veja <http://www.ifla.org/>

^{viii} *Valores centrais da IFLA*: We believe that people, communities and organizations need for their physical, mental, democratic and economic well-being, free access to information, ideas and works of imagination; We believe that the provision and delivery of high quality library and information services help guarantee that access; We are committed to enabling library associations and institutions throughout the world, and their staff, to participate in the work of the Federation regardless of geographical location; We support and promote the principles of freedom of access to information ideas and works of imagination embodied in Article 19 of the Universal Declaration of Human Rights; We recognize the rights of all members to engage in, and benefit from, its activities without regard to citizenship, ethnic origin, gender, language, political philosophy, race or religion.

^{ix} *Metas da FID*: Promote the study and application of information science, documentation and information management; Provide a forum for the dissemination and exchange of ideas, information, knowledge and skills among information and documentation professionals; Promote the professional development of information and documentation specialists; Promote and protect the interests of information users promote international cooperation in the fields of information science, documentation and information management.

^x Veja o texto Dos biblióforos aos gerentes de informação, de Francisco C. de Souza, no livro *Biblioteconomia no Brasil: profissão e educação*, p. 5-25.

^{xi} Dentre os títulos profissionais citados encontram-se: cibertecário; diretor de conversações; diretor da administração da conhecimento; czar da informação; administrador da informação coletiva; arquiteto da informação; conselheiro do conhecimento; administrador da informação principal; coordenador da informação; engenheiro da informação; navegador da informação; designer da informação; mago da informação, ..."

^{xii} Veja-se RANGANATHAN, S. R. *The colon classification*. New Brunswick, N. J.: Rutgers University, 1965.

^{xiii} Veja-se o texto O ensino de biblioteconomia no Brasil no discurso do bibliotecário participante nos CBBDs entre 1954 e 1982: apontamentos disciplinares para a construção do currículo do Curso de Biblioteconomia, de Francisco C. de Souza, contido em XIX CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E

DOCUMENTAÇÃO , 2000 , Porto Alegre Anais do XIX Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação , Porto Alegre ABRS , 2000, e também disponível em: <http://embauba.ibict.br/cbbd2000/>

^{xiv} Ao falar da Biblioteconomia, em sua louvação Mário de Andrade dizia: "Não nos custa a nós, americanos (desta América), aceitar religiões, filosofias, e mesmo importar civilizações aparentemente completas. (...) Nós existimos pouco, demasiado pouco. Nós existimos em desordem. É que nos falta antiguidade, nos falta tradição inconsciente (...). Isso nem o ótimo livro moderno conseguirá nos fornecer". p. 128